

**Vernant, Jean-Pierre.** *Entre mito e política*, São Paulo, Edusp, 2001, 517 pp.

Fernanda Peixoto<sup>1</sup>

Professora do Departamento de Antropologia – USP

## **Perfil de Vernant e outros perfis**

Impossível resumir as quinhentas páginas que compõem *Entre mito e política* do célebre helenista francês Jean-Pierre Vernant (1914-), não apenas em função da espessura do volume, mas sobretudo porque se trata do esboço detalhado de um perfil, do rastreamento minucioso de um itinerário pessoal, afetivo, político, intelectual e científico. “Percurso” era o título pensado para o livro, diz Vernant no “Prefácio” à edição, na medida em que ele reúne fragmentos, “um pouco como uma vida: um amontoado feito de peças e pedaços”.

Entrevistas, conferências, resenhas, ensaios, artigos jornalísticos, prefácios, textos antigos e recentes, publicados ou inéditos. Por meio deles passamos em revista a obra do autor, suas idéias centrais, seus desafios teóricos, assim como as inúmeras atividades políticas do intelectual, engajado desde a juventude em movimentos antifascistas. Nesse sentido, o livro tem ar de balanço, funcionando como uma bela introdução para os que ainda não tiveram o privilégio de entrar em contato com a produção de Vernant.

“Tecer a amizade”, título do ensaio de abertura, fornece a chave de leitura dos textos. As etapas do percurso traçadas têm nas relações de amizade o seu fio condutor: os mestres, os alunos, os colegas de pesquisa, os companheiros políticos, os interlocutores. É pelos olhos dos amigos, cujos retratos se sucedem em diversos ensaios, que a figura de Vernant se constrói, perfeitamente de acordo com o modo grego de ser “sob os olhos dos outros”. Como nos ensina ele, “para o grego o indivíduo não é separado do que realizou, efetuou, nem do que o prolonga: suas obras, as façanhas que executou, sua família, seus parentes, seus amigos. O homem está no que faz e no que o liga aos outros” (: 343).

Com Marx, o jovem Vernant descobre a “tradição do livre pensamento e o espírito crítico” que o conduzem ao engajamento, primeiro na Associação Internacional dos Ateus Revolucionários, depois na Resistência e, mais tarde, no Partido Comunista. Com Louis Gernet é introduzido na antropologia da Grécia Antiga e inicia a carreira de pesquisador. Com Meyerson define um ponto de vista, o da psicologia histórica. O interesse pelos mitos, por sua vez, aproxima-o de Dumézil e Lévi-Strauss. À família intelectual soma-se a família política, da célula *Sorbonne-Lettres* e de outros grupos. À Paris, liga-se Moscou, pelas simpatias comunistas e pela mulher Lida, por meio de quem “a Rússia tomou parte de mim”, diz ele.

As diferentes filiações teóricas e políticas, a inserção em grupos díspares e a escolha da Grécia como universo de investigação definem o perfil multifacetado de Vernant que se revela nas múltiplas articulações de sua obra – com a antropologia, com a história, a psicologia, a estética e a filosofia –, e na sua trajetória que combina pólos, à primeira vista, antagônicos: a Antiguidade clássica e o mundo contemporâneo, Paris e Moscou, o mito e a política.

A inspiração marxista define os contornos da primeira investida na pesquisa, dirigindo-o para o tema da noção de trabalho em Platão. O mergulho no universo grego e os diálogos com Gernet e Meyerson, entretanto, redesenham a investigação. Afinal, do ponto de vista grego, a idéia de trabalho não se dissocia das outras dimensões da vida social, como a economia, a moral e a política. O mesmo se dá com a religião, com a arte, a tragédia etc. São todos eles, “fatos sociais totais”, na clássica acepção de Mauss, “fenômenos em que todas as dimensões da vida coletiva encontram-se condensados: o social, o político, o estético, o imaginário” (: 69). Assim, o interesse crescente pela religião na Grécia joga o analista numa espiral de outros temas, todos interligados, que serão objeto de estudos detidos. As crenças, os rituais, os mitos, o pensamento, a racionalidade, a arte e o imaginário constituem a matéria-prima de uma rica produção que inclui, entre outros, os conhecidos *Mythe et pensée chez les grecques* (1965), *Les ruses de de l' intelligence* (1974, em colaboração com Marcel Detienne), *La mort dans les yeux* (1985), os três volumes de *La Grèce ancienne* (1990 e 1992, em parceria com Pierre Vidal-Naquet).

A perspectiva socioantropológica de matriz francesa exercitada pelo intérprete não apenas livram-no das explicações de tipo causal – afastadas pela noção de “fato social total” – como ajudam-no a romper com dicotomias renitentes,

como as que separam mito e história, crença e razão, mentalidade mítico-religiosa e racionalidade política. “As coisas não são estanques”, alerta Vernant. A recusa de qualquer tipo de grande divisor se relaciona de perto ao exercício sistemático de uma visada antropológica que tem como fundamento último levar a sério o ponto de vista do “outro”. E olhar a Grécia, do ponto de vista grego, impõe de saída o descarte de verdades consagradas.

Pretendemos convidar o leitor, se deseja penetrar na mitologia grega, a sair dos quadros de pensamento que lhe são costumeiros: entre a literatura e a religião, bem como entre a narrativa fictícia e a verdade do que é contado, entre a fabulação do mito e a autenticidade do divino implicado na narração (...) não existia, nos tempos arcaicos da Grécia, esse corte, essa incompatibilidade que somos levados a estabelecer (: 230).

A tarefa implica também, vale lembrar, em considerar como este “outro” lida com os seus “outros” – no caso em questão, os bárbaros, estrangeiros, os escravos, as mulheres etc. –, sem os quais o heleno mostra-se ininteligível.

A compreensão da humanidade grega, suas singularidades e traços distintivos, longe de aprisionar Vernant no passado e nos limites do caso particular, lança a análise na direção de uma indagação mais ampla sobre o humano, sobre a racionalidade e sobre o simbólico, o que, de novo, impõe ao intérprete as perspectivas psicológica e antropológica. A psico-história de Meyerson, interessada nas formas mentais, e a antropologia estrutural combinam-se no deciframento de obras, signos e símbolos. “O homem pertence ao simbólico. A vida social só funciona através dos sistemas simbólicos e, nesse sentido, sou radicalmente estruturalista (apud Dosse, 1993: 213).

Estruturalista, é verdade, mas avesso às “gramáticas gerais”, como faz questão de lembrar em mais de uma ocasião. Se a compreensão do material mítico, sua lógica e mecanismos de funcionamento, aproxima o analista das formulações da lingüística estrutural e de Lévi-Strauss – sobretudo em função das noções de sistema, de sincronia, das relações de oposição e da idéia de homologia – , a perspectiva meyerssoniana ao lado da pesquisa histórica contribuem para dar ao estruturalismo de Vernant feições *sui generis*. A compreensão dos sistemas simbólicos e de suas estruturas não elimina o desafio de perceber como esses sistemas nascem, transformam-se e desaparecem. “Essa problemática, que procurei aplicar à Grécia Antiga, situa-se precisamente na junção do marxismo e do estruturalismo” (: 57).

Os textos reunidos neste *Mito e política*, distribuídos em nove partes, procuram dar conta das várias dimensões da obra de Vernant. Os dois primeiros segmentos (“Fragmentos de um itinerário” e “Psicologia e antropologia histórica”) recuperam a formação, as matrizes teóricas e a definição do método. Nos cinco seguintes (“Razão e racionalidades gregas”, “Mitologias”, “Imagem, imaginário, imaginação”, “Do trágico” e “Mortalidade e imortalidade”), visualizamos as ferramentas do intérprete sendo utilizadas em análises sobre a morte, o corpo, o teatro e a tragédia, a máscara e a *persona*, o indivíduo e a identidade, os mitos e o panteão, a arte e a estatuária. Os dois últimos (“Política: dentro/fora” e “Paris-Moscou”) recuperam os fragmentos do itinerário anunciados no início, só que agora o foco de atenção recai sobre a militância, os textos de ocasião, os sinais de aproximação e afastamento em relação ao Partido Comunista.

No decorrer da leitura dos textos somos levados a cruzar tempos e espaços, a identificar rostos e pontos de vista, problemas e questões, embalados por uma prosa solta, com sabor de conversa entre velhos amigos. Nós leitores somos de certa forma incluídos no “tecido da amizade” que Vernant desenrola ao longo do volume, tal a cumplicidade que se estabelece à medida que compartilhamos com ele segredos e descobertas. A forma dos textos joga papel decisivo no andamento da argumentação e no enlace do leitor. Vernant reconhece o fato não sem uma ponta de satisfação: “Agora que estou mais velho, sinto-me mais livre com relação à forma tradicional dos escritos científicos, dou mais de mim mesmo e procuro passar o que acredito sentir em mim” (: 68).

Só nos cabe usufruir.

## Notas

- 1 Fernanda Peixoto é também autora de *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide* (São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000).

## Bibliografia

DOSSE, F.

1993 *História do Estruturalismo*, vol. 1, Campinas, Edunicamp/Ensaio.